



## A dimensão política de ser mãe

Maria Helena Rego Junqueira<sup>1</sup>, Rio de Janeiro

**Resumo:** O texto é uma reflexão sobre o lugar peculiar da mãe no triângulo edípico, neste triunvirato pai-mãe-filho. São tomados fragmentos da mitologia grega para investigar os modos míticos de relação com a mãe e passíveis de aproximação com o complexo de Édipo. Busca-se apreender os desdobramentos da situação edípica no processo de subjetivação. O lugar do pai é pensado como diferença que discrimina mãe-filho, instituindo a ordem simbólica. Há um interjogo de lugares nas relações originárias que permite pensar na dimensão política de ser mãe.

**Palavras-chave:** palavra paterna; desejo; cultura; feminino; política.

*A sociedade atual assenta-se em uma gigantesca fraude que timidamente começa a ser denunciada. Esta fraude esconde-se por detrás de todos os problemas políticos, religiosos, sociais, econômicos e culturais que lhe servem de âlibi: trata-se estritamente da relação entre o homem e a mulher.*

Jean Marcale, *La femme celte*

Este tema me estonteia, e digo por que: é um interesse antigo, sendo que agora fez-se a oportunidade de aprofundá-lo, de estendê-lo. Mas, sobretudo, pela multiplicidade de caminhos que aponta. Desde já, desejo esclarecer que deve resultar em uma mistura de teoria com experiência pessoal. Não sei, aliás, se em algum caso poderia ser diferente.

Mas, então. O eixo fundamental desta reflexão se apoia no *triunvirato* pai-mãe-filho. Que relação pode ter com a Santíssima Trindade, Pai-Filho-Espírito Santo? Será que a mãe é aqui substituída pelo Espírito Santo? Que lugar seria este?

Gostaríamos de tomar este triângulo, que configura o que Freud formulou como triângulo edípico, para pensar os fundamentos de constituição da família. Desde aí, poderíamos refletir sobre as funções paterna e materna, sabendo que vamos nos deparar com dificuldades que também encontramos quando pretendemos definir o que seria masculino e feminino – eterno enigma.

Língua materna, palavra paterna – já implica um curioso paradoxo. Não poderia ser o contrário? O pai, em lugar do código, da língua e a mãe associada à palavra, ao ato de fala? É desde aí que pretendemos pensar o lugar político da mãe na constelação familiar e a dimensão de sua presença na constituição e subjetivação dos filhos.

Podemos dizer que seria uma investigação oportuna aprofundar o lugar delegado à mãe nas diferentes teorias psicanalíticas, importância por vezes avassaladora. Em nenhum momento pode-se discordar da importância da mãe junto aos filhos, do aspecto primordial que sua presença desempenha na vida psíquica. Mas há algo além que valeria a pena ser investigado, mas que não é nosso propósito neste texto, já que na verdade só seria alcançável se realizado por um grupo transdisciplinar, com perspectiva antropológica, sociológica, filosófica, numa investigação bem mais abrangente.

Retomando. Freud, quando formula o complexo de Édipo, estabelece um dos pilares

1 Membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro SBPRJ.





da teoria psicanalítica. Parte do estudo da tragédia de Sófocles, que traz uma das versões possíveis do mito de Édipo, e do impacto renovado que este provoca através dos séculos, concluindo que essa comoção vivida nos afeta até hoje porque corresponde a um complexo constitutivo de cada sujeito: o complexo de Édipo, desejo de matar o pai e casar com a mãe (ou o inverso, no caso das meninas).

Há uma passagem da tragédia que deve ter sido decisiva nas reflexões freudianas: quando Édipo está prestes a perceber-se autor de seu ato, de uma verdade denegada.<sup>2</sup>

JOCASTA Agora, vamos: esquece tudo isso e acalma teu coração!

ÉDIPO Não deveria eu temer ainda dormir com minha mãe?

JOCASTA Quem tem a temer um homem, fraco joguete da sorte, que do próprio futuro nada sabe?

Não tenhas medo da cama da tua mãe: quantas vezes em sonho um homem dorme com a mãe! É bem mais fácil a vida para quem destas coisas não cogita.

Certamente, Freud não escutou Jocasta, já que fez dessas as suas cogitações. Esta fala é também significativa por mostrar como desde sempre se soube da importância dos sonhos em sua dimensão de transgressão e transformação. Em sonhos, não haveria limite aos homens. Cabe à psicanálise investigar os efeitos desta potência.<sup>3</sup>

Com o mito da horda primitiva e da morte do pai primevo, Freud constitui uma metáfora fundamental: o sujeito se constitui em base à morte do pai. É interessante notar que neste mito não se faz nenhuma referência à mãe e sim às mulheres que são objeto de disputa, não havendo ainda na horda primitiva a discriminação destas funções.

O caminho de elaboração do complexo de Édipo na mulher nos leva a perceber que, para que haja lugar para o homem-marido, é necessária a morte simbólica do homem-pai. Não é casual que, maioria das vezes, na cultura ocidental a mulher troque de nome ao se casar, sendo suposta esta renúncia ao pai para que o casamento se cumpra. No homem, serão outros os destinos desta elaboração e outras as consequências psíquicas e sociais, dentre elas a clássica dissociação entre a mulher-mãe, divina e idealizada e a mulher-prostituta, profana e desejada, que resulta de uma não elaboração da situação edípica. É complexa a elaboração que o homem tem que fazer até ser capaz de uma relação profunda com uma mulher, ultrapassando a fantasia do prazer ligado à consumação do incesto, risco de satisfação edípica.

Sabemos que as formulações freudianas e tantas outras desenvolvidas posteriormente falam da simbiose inicial na relação mãe-filho, mergulhados no imaginário que não diferencia corpos. Freud fala do *sentimento oceânico* dos apaixonados como uma revivência desta relação diádica com a mãe.

É a presença do pai como terceiro diferenciador, como terceiro incluído, que inter-

2 Jean-Pierre Vernant, em *Mito e tragédia na Grécia antiga*, mostra como a tragédia grega foi a primeira produção humana a colocar o homem como autor de seus próprios atos e a tragédia seria o desenrolar das consequências dos atos em uma trama inexorável.

3 *Com efeito, quando sonhamos com ladrões e sentimos medo, os ladrões são imaginários, mas o medo é real, como qualquer outro afeto que no sonho experimentamos. O testemunho de nossa sensação nos demonstra que tais afetos são perfeitamente equivalentes aos de igual intensidade surgidos na vigília.* Sigmund Freud. *La interpretación de los sueños. Obras Completas.*





cepta este gozo com o corpo materno, marcado pelo desmame, símbolo precoce da proibição do incesto. Este objeto perdido de satisfação acionaria o desejo como propulsor do funcionamento psíquico. É importante estabelecermos esta extrema proximidade entre satisfação e proibição, o que acarretará inúmeras consequências significativas.

Pai é, assim, *diferença* ou a possibilidade de ela haver. Sabemos, no entanto, que o prenúncio desta diferença é desde sempre presente no psiquismo da mãe – se ela atravessou o complexo de castração. Ou seja, o pai de que fala a psicanálise está inscrito no psiquismo da mãe, em sua experiência edípica com seu próprio pai e em sua vivência amorosa com seu parceiro.

Esta presença pressentida do pai na mãe torna-a, segundo Lacan, lugar-tenente do pai. Significa que neste caso a diferença já estaria inscrita pela internalização que a mãe teria da proibição do incesto, já tendo ela atravessado a elaboração edípica. Mas pode também ocorrer uma imaginarização em que mãe e filho, não sendo atravessados pela interdição paterna, permaneceriam numa simbiose, questão própria aos estudos da psicose.

É só pelo rompimento da simbiose, da relação imaginária, que se faz possível a ordem simbólica e a cadeia significativa que permite a inscrição na linguagem e na cultura. Lacan utiliza-se de uma significativa aliteração da língua francesa para superpor *le non du père* (o não do pai) e *le nom du père* (o nome do pai). É este *não* fundamental que institui as relações de parentesco e dá origem ao processo de subjetivação, fundamentado na linguagem.

Vemos que a mãe desempenha um papel essencial nesta trama, pois dela vai depender deixar circular a palavra paterna, o código e as interdições. Talvez, quem sabe, daí dizer-se *língua materna*, associando-se à mãe o estabelecimento do código que vai reger as relações do filho. A palavra paterna depende, para circular, do sim ao não na mãe. E isto a confronta com o que estou tentando singularizar como sendo a dimensão política de ser mãe.

Creio que isto nos permitiria supor que a mãe é origem das ambiguidades e o pai das ambivalências. O corpo da mãe é marcado primordialmente pela ambiguidade de ser fonte de satisfação da necessidade e do desejo, origem da sexualidade, segundo Guy Rosolato (1974). É nesta passagem da necessidade ao desejo que se funda o sexual e o corpo da mãe é negado como fonte de prazer no momento do desmame.

A ambivalência com o pai é estruturante, pois é o não do pai que permite o estabelecimento da vida psíquica, ao mesmo tempo em que impede a satisfação imaginária. Pai e cultura por vezes se confundem e mãe confunde-se com terra, com o solo fundador, a mãe-terra, origem de todas as criações.<sup>4</sup>

Podemos, dependendo de nossa escuta, aprender com os mitos. Todo mito cosmogônico, mito das origens do mundo, refere-se à terra e seu surgimento. Tomando a mitologia grega, podemos ver como Gaia (Terra) é origem de toda criação e é ela quem, curvando-se, gera, cria seu irmão e parceiro em todas as gerações futuras. Curiosamente, Urano impedia que os filhos gerados saíssem do ventre da mãe. É Cronos, um dos filhos gerados, que com a intervenção da mãe, que lhe fornece a foice, emascula o pai, afastando-o para sempre de cima da mãe. Cronos confunde-se aqui com o tempo como entidade primordial.

É curioso pensarmos a triangulação mãe-pai-filho à luz deste mito. Se o pai rompe a simbiose mãe-filho, ou por sua falta a institui, não será que ao filho cabe também romper

4 Cabe aqui uma alusão à mãe-terra em estudos de antropologia e de mitologia, que é tema relevante e razão de vários estudos já desenvolvidos.





a simbiose mãe-pai ou, antes ainda, mulher-homem? Sabemos que muitos homens vivem intensos conflitos com o nascimento de seus filhos, quem sabe por se verem súbita e irremediavelmente deslocados do lugar de filho. Também são frequentes as chamadas psicose puerperais, em decorrência de dificuldades na elaboração necessária das fantasias inconscientes que a mãe pode ter investido em sua gravidez.

Não é casual que nas narrativas míticas sejam tão recorrentes os relatos de assassinato dos pais (parricídio) e assassinato dos filhos (filicídio), em que a mãe desempenha papel fundamental. Este é o ponto crucial retomado no mito de Édipo, do qual sabemos existirem muitas versões, característica essencial dos mitos.

A abordagem da relação pai-mãe-filho a partir do mito não é irrelevante, se levarmos em conta que a narrativa mítica é uma estrutura simbólica por excelência. O mito de Gaia merece ser pensado, pois trata do momento de constituição dos elementos primordiais, em que o cenário da vida está ainda sendo montado.

Zeus será, já em outra geração, o filho de Réa que vai destronar o pai Cronos, que devorava todos os seus filhos. Com a ajuda de sua mãe e dos irmãos libertados ele luta dez anos contra o pai. Pai devorando o filho, filho emasculando o pai.

Soa algo familiar com o mito da horda primitiva formulado por Freud – o pai-todo-poderoso que é devorado pelos filhos revoltados. E que lugar a mãe tem aí, que cumplicidade seria esta que pode se estabelecer entre ela e o filho contra o pai?

Esta estruturação triangular é presente desde a origem do mundo, desde a constituição dos elementos primordiais Terra, Céu, Tempo, quando estavam se estabelecendo as condições da vida e das gerações.

No mito de Édipo, esta estrutura já é associada à questão da origem de si, à história de constituição. Não caberia falarmos em sujeito, já que esta é uma categoria estranha ao pensamento grego, só possível de ser formulada a partir de Descartes. Mas esta é uma questão que sem dúvida nos levaria ao desvio de nosso tema.

A ressonância que gostaríamos de realçar na escuta do mito refere-se ao lugar da mãe. Mãe primordialmente é terra, lugar de geração, e a isto corresponde um poder. O lugar do pai se faz a partir da necessidade da mulher, que se curva para deixar surgir o homem que vai fecundá-la e gerar o filho.<sup>5</sup> Mas que horror é este que se interpõe entre pai e filho ou entre filho e pai? Há um poder em questão, uma luta entre pai-mãe, pai-filho, talvez menos frequentemente entre mãe-filho. E que luta é esta? Uma vez gerado o filho, qual seria o lugar do pai nesta tríade?

Este é o eixo da questão que propomos pensar. O triângulo edípico parece fazer surgir o temor ao restabelecimento da díade e consequente exclusão do terceiro. Entre pai-mãe-filho configura-se um enfrentamento que provoca tensão. E diferenciação. Freud nos ensinou que o crescimento do sujeito pressupõe o assassinato simbólico do pai.

Estamos em pleno trânsito do imaginário ao simbólico, mergulho necessário ao pensamento psicanalítico. Parece que vai se configurando que o lugar do pai é, em última instância, mediatizado pela mãe. Se nela o pai não é um terceiro incluído, dificilmente ele, ainda que presente, terá uma inscrição suficiente para permitir o pleno desenvolvimento

5 *No começo era o Caos*, conta o poeta Hesíodo. Era o espaço aberto, a pura extensão ilimitada, o abismo sem fundo. De repente, surgiu a primeira realidade sólida: Gaia, a Terra. Ela deu ao Caos um sentido: limitou-o. Instalou nele o chão, o palco da maravilha e da miséria da vida.

Depois veio a noite, a treva profunda. E abaixo da Terra fez-se o Érebo, morada das sombras. Restava ainda um espaço vazio, sobre Gaia. Para preenchê-lo ela criou um ser igual a si mesma, capaz de cobri-la inteira. Criou sozinha, Urano, o Céu estrelado.





das possibilidades simbólicas do filho. Antes de tudo, a presença do pai é marca na mãe, é brecha que vai permitir que o filho não fique aprisionado ao imaginário da mãe-todo-poderosa.

É esta hiância criadora que considero ser o lugar do pai, que dependeria de a mãe ter aceito a castração e poder criar a partir dela. É pela castração que se constituem pai-mãe-filho, como diferença inaugural capaz de gerar a vida e a heterogeneidade necessária a toda e qualquer geração. Do filho, de uma obra, de qualquer criação.

A dimensão política de ser mãe se expressa assim pela assunção da castração potente, da aceitação radical do outro como diferença, como alteridade construtiva. Nisto é que posso compreender quando Lacan diz que se ama no outro aquilo que não se é, ama-se a diferença.

A pergunta de Freud, em carta a Fliess, *Afinal, o que querem as mulheres?* é tão profunda que prescinde de respostas. Não é pergunta que procura uma resposta; é pergunta que expressa a mais profunda perplexidade frente à diferença. Qual diferença? Não sei, mas sinto que homem-mulher é o encontro de uma diferença radical, que impõe a ambos profundas elaborações para que seja possível que se constitua um casal. Não estou falando de dois em um, pois isto aboliria a diferença.

A complexidade está em, sendo um, abrir-se ao outro em sua diferença e ser capaz de se chegar ao outro sem deixar de ser si mesmo. Uma proximidade que não implica devoramento, uma proximidade consentida, partilhada. Corpos com distância suficiente para possibilitar a diferença e a troca. A isto, desde mim, chamo amor. Entre homem-mulher, entre pai-filho ou mãe-filho. Neste sentido, não há dúvida de que este triângulo é revolucionário, pois é dele que depende a continuidade da vida.

Se pudermos falar de uma passagem do imaginário ao simbólico, talvez possamos pensar a passagem do simbólico ao político. A inserção política só será possível a partir da inscrição na ordem simbólica da cultura, sendo o pai o portador, o mediador das regras e interdições impostas a partir da linguagem. A dimensão política pressupõe uma tomada de posição, um modo de articulação do simbólico. E se o pai é o porta-voz da cultura, isto implica um lugar político da mãe e do filho, pelo modo como farão circular, na singularidade da situação edípica, a generalidade do chamado complexo de Édipo.

Certa vez, em uma entrevista, perguntaram a Costa-Gravas, o cineasta, porque ele havia deixado de fazer filmes políticos e estava filmando histórias de amor. E ele respondeu que, na verdade, fazia filmes sobre casal e que nada é mais revolucionário do que o casal. Portanto, ele não abandonara a política.

#### *La dimensión política de ser madre*

*Resumen:* El texto es una reflexión sobre el lugar peculiar de la madre en el triángulo edípico, en este triunvirato padre-madre-hijo. Se toman fragmentos de la mitología griega para investigar las formas míticas de la relación con la madre y posibles de aproximación con el complejo de Édipo. Trata de aprehender los desdoblamientos de la situación edípica en el proceso de subjetivación. El lugar del padre se piensa como diferencia que discrimina madre-hijo, instituyendo el orden simbólico. Hay un interjuego de lugares en las relaciones originarias que permite pensar la dimensión política de ser madre.

*Palabras clave:* paterna; deseo; cultura; mitología; femenino.





### *The political dimension of motherhood*

**Abstract:** *The article is a reflection about the peculiar spot of the mother within the oedipal triangle, within the triumvirate father-mother-son. Fragments of Greek mythology are used to investigate the mythical ways of the relationship with the mother and the approximation with the oedipal complex. It seeks to capture the unfolding of the oedipal situation into the subjective process. The father's place is seen as the difference, which discriminates mother-child, instituting the symbolic order. There is an interplay of roles within the original relationship that allows the consideration of the political dimension of motherhood.*

**Keywords:** *paternal; desire; culture; mythology; feminine.*

### Referências

- Bebel, A. (1977). *La mujer y el socialismo*. Madri: Akal.
- Castilla Del Pino, C. (1975). *Quatro ensayos sobre la mujer*. Madri: Alianza.
- D'Eaubonne, F. (1977). *As mulheres antes do patriarcado*. Lisboa: Veja.
- Freud, S. (1973). La interpretación de los sueños. In: *Obras Completas*. Madri: Alianza. (Trabalho original publicado em 1900)
- Grimal, P. (1986). *Diccionario de Mitologia griega y romana*. Buenos Aires: Paidós.
- Lacan, J. (1981). *A familia*. Lisboa: Assírio & Alvim.
- Rivière, Joan et al. (1979). *La femineidad como máscara*. Barcelona: Ínfimos.
- Rosolato, G. (1974). *Ensayos sobre lo simbólico*. Barcelona: Anagrama.
- Safouan, M. (1977). *A sexualidade feminina*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Sherfey, M. J. (1977). *Naturaleza y evolución de la sexualidad Femenina*. Barcelona: Barral.
- Vernant, J.-P. (1977). *Mito e tragédia na Grécia antiga*. São Paulo: Duas Cidades, 1977.

[Recebido em 12.10.2008, aceito em 7.1.2009]

Maria Helena Rego Junqueira

[Sociedade Brasileira de Psicanálise do Rio de Janeiro SBPRJ]

Rua Jerônimo Monteiro, 73/301, Leblon

22431-070 Rio de Janeiro, RJ

mhjunqueira@globo.com

